

Como viver ou do que viver?

A mensagem do Papa Francisco aos jovens

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA *

Resumo

O Papa Francisco parece ter feito uma opção preferencial pelos jovens neste início de pontificado. O que é mais importante para os jovens: a ética ou a religião? Os surpreendentes pronunciamentos e gestos dirigidos aos jovens pelo papa antes, durante e após sua visita ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude (JMJ), apontam para a religião, para a espiritualidade e não para a ética ou a moral. O papa apresentou Jesus Cristo aos jovens como uma possibilidade fantástica de superar a ética e a moral, as doutrinas e as ideologias, as teologias e a lei. Pouco doutrinador, o papa não disse e não diz aos jovens *como eles devem viver*, mas sim *do que eles podem viver*. Com a liberdade dos filhos de Deus.

Época de mudança ou mudança de época?

Foram muitos encontros, palavras, gestos e mensagens dirigidas aos jovens pelo Papa Francisco. A leitura e a análise sistemática de todos os pronunciamentos papais dirigidos aos jovens, seus gestos e atitudes durante a XXVIII JMJ, um evento tão marcante do início de seu pontificado, e em outros encontros anteriores e posteriores a esse (audiência com os jovens da diocese de

* Doutor em Ecologia. Pesquisador da Embrapa. Autor do livro *Quando os jovens não tinham voz, nem vez – Jesus e o conflito de gerações* (Ed. Vozes), Pai de quatro filhos.

Piacenza-Bobbio; encontro com jovens em Assis, em Cagliari na Sardenha etc.), surpreende. O Papa Francisco não parece preocupado em dizer aos jovens como eles devem se comportar, nem o que devem fazer. Ele não cobra atitudes éticas ou morais dos jovens. O pontífice diz claramente que a Igreja já insistiu demais sobre questões doutrinárias e morais. Como bom padre, ele sabe a importância de ver e ouvir o que cada um vive e se recusa discutir essas questões fora de "contexto".

Para definir o momento atual vivido pelos jovens, o papa retomou, em mais de uma ocasião, a expressão consagrada: não se trata de uma época de mudanças, como a que marcou as décadas de 60 e 70 e todo o final do século passado, e sim de uma mudança de época. Os discursos, a comunicação, as palavras e os gestos do Papa Francisco dirigidos aos jovens, comparados aos de boa parte de seus antecessores, lembra, e muito, o confronto entre as mensagens de João Batista e Jesus Cristo, relatado nos evangelhos e que perduram até hoje no seio da Igreja.

O papa recorre com frequência ao humor e dá a impressão que o tempo ou a época da Igreja agir como de precursora de Jesus Cristo, aplainando seus caminhos, julgando governos e cidadãos, planejando o que não executa e avaliando o que não fez, já passou. Sai o profeta e emerge o pastor? Parece que sim, mesmo se essas realidades se interpenetram. Nos gestos e na mensagem dirigida aos jovens por esse papa, saído lá do *fim do mundo*, a época de João Batista parece ultrapassada e sucedida, enfim, pelo tempo, pelo *kairós* de Jesus Cristo. Deus seja louvado!

João Batista e a beleza do inconformismo

Com relação aos jovens, o papa decididamente não se comportou como mais um precursor do Jesus Cristo distribuindo críticas e pregando arrependimentos. Com relação aos jovens e à sociedade em geral, o papa não brandiu ameaças, nem fez acusações, nem pronunciou denúncias proféticas. Ele não se colocou como um *deus* ouvindo "os clamores de seu povo" e clamando ele também. Como diriam os jovens: ele não *deu* uma de João Batista, nem sinalizou estar destinado a ocupar um lugar no martirológico latino-americano.

O jovem João, o batizador, o imersor, esse primo de Jesus, tido como profeta pelos cristãos, anunciava aos homens um castigo que estava para vir e não

culpava de ser politicamente correto em suas palavras: "Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?" (Lc 3,7). Era daí para cima. Nada *light*. Ele pregava e promovia um batismo de penitência e arrependimentos. Que os homens endireitassem seus caminhos e refizessem suas vidas!

A mensagem de João Batista, como a dos profetas bíblicos desde Amós, analisava catástrofes eminentes como forma de ajudar os homens a reverem sua conduta. Esse comportamento "profético" tão valorizado nas últimas décadas nos pronunciamentos dos pastores latino-americanos não foi, até agora, a marca do Papa Francisco ao dirigir-se à juventude. E nem a outros grupos sociais.

O papa não "responsabilizou os jovens", não criticou suas condutas e recusou-se a julgar suas atitudes. Ele insistiu sobre a importância de viver, de sonhar com coisas grandes e contra as lamentações, o imobilismo, o pessimismo e o medo: "Não se deem por vencidos". Questionado, ele sequer pronunciou-se sobre os protestos e manifestações dos jovens nas cidades brasileiras que haviam antecedido sua visita. Pelo contrário, deixou claro que o jovem que não protesta, que não se revolta, que não tem uma utopia, está morto, deixou de ser jovem: "Com toda a franqueza, não sei bem por que os jovens estão protestando. Primeiro ponto. Segundo ponto: um jovem que não protesta não me agrada. Porque o jovem tem a ilusão da utopia, e a utopia não é sempre ruim. A utopia é respirar e olhar adiante. O jovem é mais espontâneo. Menos experiência de vida, é verdade. Mas às vezes a experiência nos freia. E ele tem mais energia para defender suas ideias. O jovem é essencialmente um inconformista. E isso é muito lindo! Isso é algo comum a todos os jovens" (Entrevista do Papa Francisco a Gerson Camarotti. *GloboNews*, 29/07/2013).

Doutrina ou vida?

Os evangelhos são unânimes ao apresentarem a pregação de João Batista como profundamente ética e moral. E assim tem sido a insistente pregação da Igreja para os jovens, inclusive nas anteriores Jornadas Mundiais da Juventude, sobre temas tidos como cruciais: Não há dúvida que o comportamento ético e moral mostra aos jovens a possibilidade da liberdade e da responsabilidade, irredutíveis em cada indivíduo, apesar das tramas e teias sociais e culturais.

João não exigia do soldado deixar de ser militar ou do cobrador de impostos abandonar a carreira na Receita Federal daqueles tempos. Realista, ele exigia um comportamento ético: que o soldado não saqueie os vencidos e se contente de seu soldo; que o cobrador de impostos não cobre mais do que o devido. Já que não se pode mudar o mundo, nem eliminar a maldade, que ninguém agregue mal ao mal com seu comportamento. Ele indicava uma conduta ética coletiva.

A liberdade ética e moral é essencial para o jovem acertar sua vida e se reconciliar consigo e com os outros neste mundo de Deus. Os pronunciamentos e mensagens dos papas João Paulo II e Bento XVI e o discurso orientador do Magistério eclesial dirigido aos jovens quase sempre vinham acompanhados da citação de documentos doutrinários, como se fosse essencial lembrar de que metal os homens em geral, e os jovens em particular, são constituídos.

O Papa Francisco, em suas mensagens durante a JMJ e em encontros posteriores com jovens, raramente evocou documentos e doutrinas eclesiais. Sua referência essencial é a vida, a vida humana e humanizada, de Jesus Cristo. O papa deixou claro que já se insistiu demasiadamente sobre determinados temas doutrinários para os jovens, como a sexualidade, a contracepção, a homossexualidade e o aborto, por exemplo. “Não podemos insistir somente sobre as questões ligadas ao aborto, matrimônio homossexual e ao uso de contraceptivos. Isso não é possível. Eu não falei muito dessas coisas e isso me foi recriminado. Mas quando se fala disso é necessário falar em um contexto. O parecer da Igreja, de resto, todos conhecem, e eu sou filho da Igreja, mas não é possível falar disso continuamente. Os ensinamentos, tanto dogmáticos quanto morais, não são todos equivalentes. Uma pastoral missionária não é obcecada da transmissão desarticulada de uma multidão de doutrinas que se quer impor com insistência” (Entrevista do Papa Francisco à revista jesuíta italiana *La Civiltà Cattolica*).

Distribuindo energia quântica, a comunicação do papa com os jovens está marcada por incentivos e convites a uma vida mais plena, a ser vivida sem desânimo ou lamentações: façam barulho, nadem contra a corrente, sejam corajosos, não se deem por vencidos, manifestem nas ruas, agitem e agitem-se... Dá para ficar cansado só de ouvir. É muita energia, com um claro sentido de urgência. “Se vocês não o fizerem, não há quem o faça”. E por que e para que os jovens agiriam assim? Qual o combustível para tanta agitação? Não são as

doutrinas, nem os dogmas. Bem, Papa Francisco tem lá suas ideias. E a principal de todas se chama esperança.

Esperança e juventude

O tema da esperança foi o mais anunciado e reiterado nas mensagens do papa aos jovens no primeiro ano de seu pontificado, muito além de qualquer outro (fé, caridade, solidariedade, engajamento, compromisso...). A palavra esperança apareceu quase 60 vezes nas falas e nos documentos dirigidos aos jovens em 2013.

Logo em sua chegada ao Rio de Janeiro, em uma linguagem coloquial, evocando a expressão brasileira “botar mais água no feijão”, o papa recomendou “botar” esperança na vida: “‘Bote esperança’ e todos os seus dias serão iluminados e o seu horizonte já não será escuro, mas luminoso”. Em boa parte do Brasil quem bota (ovos) são as galinhas. As pessoas põem ou colocam coisas, desejos, sonhos e esperanças. Mas, no Rio de Janeiro, é assim. Em *carióquês*, as galinhas põem ovos e as pessoas botam botas e outras coisas. O papa falou certo, no lugar certo.

Papa Francisco não condicionou a esperança juvenil a nada, a não ser à própria juventude. “Um jovem sem esperança não é jovem, envelheceu prematuramente.” “A esperança faz parte da juventude de vocês.” “Quando um jovem não tem alegria e perde a esperança, onde vai buscar um pouco de paz?” “Sejam sempre jovens de esperança. Nada de lamentações nem de ir comprar consolações de morte. Vão adiante com Jesus. Ele nunca falha.” “Os mercadores da morte oferecem a vocês um caminho para os momentos em que vocês estão tristes e sem esperança.” Os jovens podem construir outro caminho, com Jesus. “Nunca percamos a esperança! Nunca deixemos que ela se apague nos nossos corações!”

Segunda virtude teologal, entre a fé e a caridade, a esperança tem como símbolo uma âncora e sua cor é o verde. A âncora evoca essa pesada massa de ferro, capaz de reter o barco diante das inconstâncias do mar, do vento e da deriva. Símbolo de firmeza, a âncora evoca a solidez, a segurança, a tranquilidade e a fidelidade. No meio da mobilidade do mar, ela é estável, imóvel, fixa e constante.

A âncora lembra em cada um a parte de seu ser capaz de manter a calma, a lucidez e a firmeza diante dos turbilhões dos sentimentos e dos fatos da vida. Última garantia dos marinheiros nas tempestades, a imagem da âncora está associada fortemente com a esperança. Essa imagem é comum na literatura grega antiga e numerosas reproduções descobertas nas catacumbas atestam seu emprego pelos cristãos, como símbolo de esperança de ressurreição frente ao evento da morte. A esperança cristã “é, para nós, como âncora da alma, fixada com muita firmeza, que penetra para além do véu, ali onde Jesus entrou como precursor em nosso lugar...” (Hb 6,19-20).

A âncora é uma sorte de cruz invertida. “A fé em Jesus conduz à esperança”, disse o papa aos jovens na Sardenha. Ao ancorar a alma em Cristo, evita-se o naufrágio espiritual e pessoal. “Minha âncora e minha cruz”, diziam os místicos cristãos. Os jovens foram convidados pelo papa a não se abandonar às correntezas da natureza e do mundo, e sim a nadar contra a corrente, fixados à fonte de toda graça, o Cristo Jesus. Como dizia o Padre Antonio Vieira, “a mais fiel de todas as companheiras da alma é a esperança”.

No judaísmo existe uma pluralidade de tempos vinculados à Criação (origem do tempo), à consciência do tempo (realidade da morte) e ao sentido da história (esperança na eternidade). Existe o tempo de Deus e o dos homens, encontro de eternidade e mortalidade. Existe o tempo que vem... E se vem, para onde vai? Para a tradição judaica e cristã, o tempo não é cíclico, nem caótico. Vai para algum lugar, tem uma direção no infinito. Aponta para um futuro melhor, já manifesto no presente. É tempo de esperança. O futuro pode ser melhor, apesar do aquecimento global, do capitalismo triunfante, dos congestionamentos do trânsito, dos clamores das ruas, do pessimismo dos profetas e terroristas de plantão. É simples: Cristo é a nossa esperança. Como disse o papa, e São Paulo aos colossenses (Cl 1,27).

Como um jovem pode se posicionar frente a esta mudança de tempo e de época? Disse o Papa Francisco, como um bom pastor: “Gostaria de chamar atenção para três simples posturas, três simples posturas: Conservar a esperança; deixar-se surpreender por Deus; viver na alegria”. “Quem é homem e mulher de esperança – a grande esperança que a fé nos dá – sabe que, mesmo em meio às dificuldades, Deus atua e nos surpreende”.

Ao subir uma montanha, a pessoa desfruta da caminhada, da paisagem, do esforço e da sensação de sentir-se cheio de vitalidade e livre. Ninguém

reserva o prazer apenas para o objetivo de atingir o cume. Cada momento do esforço é prazeroso. Pode ser desfrutado. Cada passo na caminhada e até os tropeços são fontes de prazer. É assim que se caminha para os céus: com bom humor, compaixão e contemplação. Para quem resume a caminhada ao objetivo final, não há alegria, nem crescimento, nem prazer durante sua realização.

E deixando de lado o *como viver* pelo *do que se pode viver*, o papa reiterou: “Quero ser sincero: não venho aqui para vender-lhes uma decepção. Venho aqui para dizer-lhes que Jesus pode dar sentido às suas vidas e Jesus não é uma decepção”. “‘Bote esperança’ e todos os seus dias serão iluminados e o seu horizonte já não será escuro, mas luminoso”.

Medo, coragem e juventude

Ao insistir na esperança, como num jogo de espelhismos, o Papa Francisco destacou a temática do medo, do desencorajamento e do desânimo na vida dos jovens. A palavra e a ideia do medo foram empregadas cerca de 30 vezes nos pronunciamentos e entrevistas do Papa Francisco no Brasil, contra quase 60 evocações da “esperança”. Ao associar e confrontar a esperança contra o medo, o papa se explicou de uma forma bem simples: se os jovens botam esperança, Cristo do seu lado “bota fé” nos jovens e lhes confia a sua Igreja. Não é pouco.

A palavra medo surgiu no primeiro pronunciamento do papa, na cerimônia de boas-vindas, logo ao chegar ao Brasil, diante da Presidente Dilma: “Cristo abre espaço para eles (jovens), pois sabe que energia alguma pode ser mais potente que aquela que se desprende do coração dos jovens quando conquistados pela experiência da sua amizade. Cristo ‘bota fé’ nos jovens e confia-lhes o futuro de sua própria causa: ‘Ide, fazei discípulos’. Vão para além das fronteiras do que é humanamente possível e criem um mundo de irmãos. Também os jovens ‘botam fé’ em Cristo. Eles *não têm medo* de arriscar a única vida que possuem porque sabem que não serão desiludidos” (Cerimônia de boas-vindas. Palácio Guanabara, 22/07/2013).

Quase sempre a expressão do Papa Francisco, ao evocar o medo, vem com e como uma negação: ajam sem medo, vão sem medo, não tenham medo, não se desencorajem. Recorrendo à metáfora futebolística, em Copacabana,

o papa disse aos jovens: "Jesus nos oferece algo superior à Copa do Mundo! Algo superior à Copa do Mundo! Jesus oferece-nos a possibilidade de uma vida fecunda, de uma vida feliz, e nos oferece também um futuro com Ele que não terá fim, na vida eterna. É o que nos oferece Jesus, mas pede para pagarmos a entrada; e a entrada é que treinemos para estar "em forma", para enfrentar, *sem medo*, todas as situações da vida, testemunhando a nossa fé" (Discurso na vigília de oração com os jovens. Copacabana, 27/07/2013).

Opondo a coragem ao medo, já em ritmo de despedida, o papa assim se pronunciou na missa de envio, pouco antes de deixar o Brasil: "Três palavras: Vão, *sem medo*, para servir. Vão, *sem medo*, para servir. Seguindo estas três palavras, vocês experimentarão que quem evangeliza é evangelizado, quem transmite a alegria da fé, recebe mais alegria. Queridos jovens, regressando às suas casas, *não tenham medo* de ser generosos com Cristo, de testemunhar o seu Evangelho" (Homilia na missa de envio da XXVIII JMJ na Praia de Copacabana, 28/07/2013).

Ética ou religião?

Há dois mil anos, diante de outra mudança de época e até de era, o Profeta João Batista respondia, como um líder de um movimento ético, e indicava o que fazer: ninguém tenha mais do que o que realmente necessita, "quem tiver duas túnicas, divida uma com o irmão que não tem" (Lc 3,10). Aos publicanos, João recomendava nada cobrar além do estipulado (Lc 3,12). Nada exigir além do fixado pela lei, pela moral, pela justiça. Como não é possível se pôr fim à desumanidade da violência social, que não se agregue inutilmente mais violência para lucro e proveito. O mundo seria bem melhor se os homens tivessem uma conduta justa e ética.

Dentro dessa lógica da exigência ética, ameaças e culpabilizações não faltam. Na Igreja, muita gente, há muito tempo, tornou-se campeã em apontar os pecados alheios e o necessário arrependimento. Essas mensagens trazem uma forte orientação de conduta ética e moral e ensinam aos seus fiéis e até os governantes como viver (Lc 3,17). Cobrar a ética na política se tornou uma especialidade eclesial no Brasil. Igrejas estabelecem para as pessoas e aos jovens tantas leis e regras de conduta que chegam a definir o comprimento da saia, dos

abelos etc. Essa poderia ter sido a mensagem do Papa Francisco aos jovens, mas não foi.

João ensinava como se deve viver. Jesus anunciou do que se pode viver. Para Jesus não se trata mais da problemática ética da vida, mas sim da sua dimensão religiosa. Um abismo de conversão e chamado separa essas duas mensagens. Para João o homem pode se redimir pelos seus atos. A parábola de Jesus sobre o credor impiedoso (Mt 18,23-35) mostra o contrário. Todos são devedores diante de Deus. E Ele nos acompanha o tempo todo e não nos aguarda como um juiz no final de nossas vidas. A mensagem de Jesus não se acomoda com o otimismo ético de João.

Deus é muito mais do que justo e ético. Ele acompanha com incomparável paciência e longanimidade a história humana, sem novos dilúvios, sem batismos exterminadores, sem machado nas raízes. Deus não nos compensa, nem recompensa. Ele vai muito além de qualquer medida em seu amor e misericórdia. Deus nos matricia ao longo de nossa existência.

Jesus veio com a palavra viva do perdão e da bondade de Deus. Na mão, Ele não trouxe a pá para separar a palha, mas a estendeu aberta num gesto de misericórdia (Mc 2,17), acima da lei, da ética ou da moral e doutrinas do judaísmo. Para Jesus, o princípio da moral parece se destruir dele mesmo. A concepção moral coloca o indivíduo a seu serviço. A transgressão exige um justo castigo. Historicamente, isso foi muito colocado sobre os jovens.

No fundo, essa concepção ética e moral se limita ao comportamento exterior das pessoas. Ignora o entrelaçamento entre bem e mal, inventa uma repartição abstrata entre pretensos bons e maus, exige do indivíduo uma subordinação à lei geral, violenta sua complexa psicologia interior, gera neuroses e psicopatias nos jovens. Deus não nos ama porque somos bons, mas para que nos tornemos bons, dizia Santa Teresinha do Menino Jesus, cujos escritos o Papa Francisco leva em sua malinha preta junto com as chaves do comando das "bombas atômicas", como ele revelou com humor aos jornalistas.

Deus quer que os jovens vivam uma vida de felicidade, oração, capacidade de encontro, compreensão de todos, sem fundamentos em interesses de poder, de dinheiro, de egoísmos de indivíduos ou grupos isolados. E quanto à obediência, tão exigida dos jovens em determinados comportamentos afetivos, sexuais, éticos e morais, ficará para sempre válida aquela que Pedro

aprendeu através do desastre da Sexta-feira Santa: "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5,29).

O papa insistiu sobre Jesus para os jovens. Ao contrário de João, Jesus deseja a alegria em volta de si e não a penitência, a mortificação ou a negação de si próprio. "Por que jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus não jejuam? Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento enquanto o noivo está com eles?" (Mc 2,18-19). João chegou a duvidar que se tratasse do Messias (Mt 11,1-19).

João e Jesus foram necessários um ao outro (Lc 1,44). Mas o Batista é ainda a lei enquanto o Cristo é o perdão e a bondade. João é a ética. Jesus é a religião. Jesus vem como médico para os doentes (Mc 2,7) e se preocupa mais da ovelha perdida do que das noventa e nove que não necessitam de conversão (Lc 15,7).

O Papa Francisco insiste sobre outras escolhas para os jovens. "Deus chama para escolhas definitivas, Ele tem um projeto para cada um: descobri-lo, responder à própria vocação é caminhar para a realização feliz de si mesmo. A todos Deus nos chama à santidade, a viver a sua vida, mas tem um caminho para cada um. [...] Eu peço que vocês sejam revolucionários, eu peço que vocês vão contra a corrente; sim, nisto peço que se rebelem: que se rebelem contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de assumir responsabilidades, crê que vocês não são capazes de amar de verdade. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de 'ir contra a corrente'. E tenham também a coragem de ser felizes!" (Encontro com os voluntários da XXVIII JMJ, Rio de Janeiro, 28/07/2013). Ele lembrou insistentemente aos jovens o quanto necessita de uma vida religiosa, bem além da ética. A ética é sempre uma religião da lei, por melhor que ela seja. Jesus traz a reconciliação e a unidade entre o dever e a liberdade, entre o ideal e a realidade, entre a lei e a graça. Talvez o que os moralistas chamaram de mal nada mais é do que a realidade das coisas.

Façam barulho, façam algo grande!

O Papa Chiquinho gosta dos jovens e de estar com eles. Essa talvez seja a razão de sua opção preferencial pelos jovens. Num discurso aos jovens de

Piacenza, em Roma, para o Ano da Fé, o papa improvisou: "Obrigado por esta visita. O bispo falou que fiz um grande gesto ao vir aqui, mas o fiz com 'egoísmo', sabem por quê? Porque gosto de estar com vocês".

Pouco doutrinador, agindo como pastor, o papa incentivou os jovens a viver com a liberdade e a alegria que deve caracterizar os filhos de Deus. O otimismo do Papa Chiquinho e seu bom humor rejuvenescem o Vaticano e a Igreja.

Quando me dizem: "Mas, padre, que tempos ruins, estes... Olha, não é possível fazer nada!" Como não é possível fazer nada? E explico que muita coisa pode ser feita! Mas quando um jovem me diz: "Que maus tempos, estes, padre, não podemos fazer nada!", eu o mando falar com um psiquiatra, hein? Porque não dá para entender um jovem, um rapaz, uma moça, que não queiram fazer algo grande, apostar em grandes ideais para o futuro, não? Depois, farão o que puderem, mas a aposta é por coisas grandes e bonitas!